

Susan Orlean



RIN TIN TIN

A VIDA E A LENDA

“Uma obra de valor inestimável.”

Primeira página do *New York Times Book Review*



valentina 



Most Faithfully
Rin-tin-tin
Lee Duncan
Master and friend 1931

R I N
T I N
T I N

A VIDA

≡ ≡ ≡ E A ≡ ≡ ≡

LENDA

SUSAN ORLEAN

Tradução

Pedro Jorgensen Jr.


valentina
Rio de Janeiro, 2013
1ª Edição

Copyright © 2011 by Susan Orlean

TÍTULO ORIGINAL
Rin Tin Tin: the life and the legend

CAPA
Raul Fernandes

FOTO DA AUTORA
Gasper Tringale

DIAGRAMAÇÃO
FA studio

Impresso no Brasil
Printed in Brazil
2013

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

O71r

Orlean, Susan

Rin Tin Tin: a vida e a lenda / Susan Orlean; tradução de Pedro Jorgensen Jr. —
1. ed. — Rio de Janeiro: Valentina, 2013.
296p. : 23 cm

Tradução de: Rin Tin Tin: the life and the legend

ISBN 978-85-65859-06-6

1. Rin Tin Tin (Cão). 2. Pastor-alemão (Cão) — Estados Unidos — Biografia.
3. Pastor-alemão (Cão) — História — Séc. XX. I. Título.

CDD: 926.3673

Todos os livros da Editora Valentina estão em conformidade com
o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

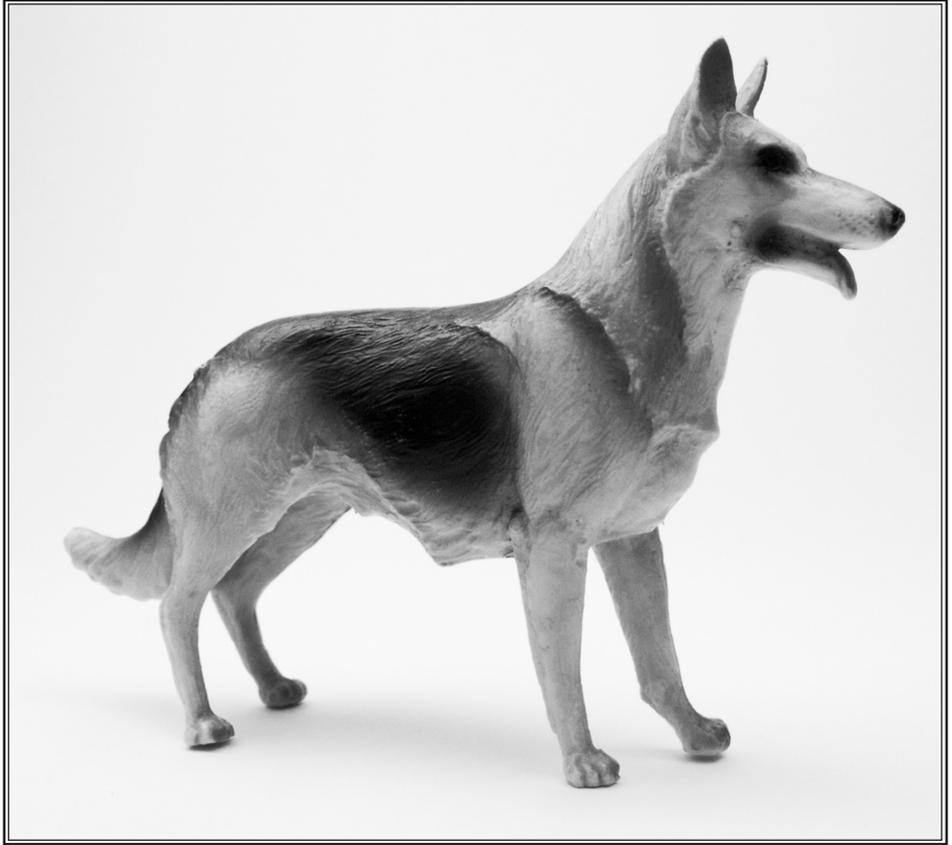
Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA VALENTINA
Rua Santa Clara 50/1107 – Copacabana
Rio de Janeiro – 22041-012
Tel/Fax: (21) 3208-8777
www.editoravalentina.com.br

Para John e Austin, meus humanos
e
Para Molly, Cooper e Ivy, meus cães

SUMÁRIO

Para sempre	9
Enjeitados	15
O cinema	43
Heróis	95
O fenômeno	159
O salto	231



PARA SEMPRE

Ele achava que o cão era imortal. “Sempre haverá um Rin Tin Tin”, disse Lee Duncan, repetidas vezes, a repórteres, visitantes, revistas de fã-clubes, vizinhos, familiares e amigos. No começo, devia soar absurdo — uma doce ilusão a respeito do animal que amenizara a sua solidão e o fizera famoso em todo o mundo. Mas Lee estava certo: sempre houve um Rin Tin Tin. O segundo Rin Tin Tin não tinha o talento do pai, mas era assim mesmo Rin Tin Tin, levando adiante o que o primeiro começara. Depois de Rin Tin Tin Jr. houve Rin Tin Tin III, depois outro Rin Tin Tin, depois outro e mais outro: sempre houve mais um. E Rin Tin Tin sempre foi mais do que um cão: foi uma ideia e um ideal — um herói, mas também um amigo, guerreiro zeloso, gênio sem fala, ermitão sociável. Foi ao mesmo tempo um cão e muitos cães, animal de verdade e personagem inventado, cachorro de estimação e celebridade internacional. Nasceu em 1918 e nunca morreu.

Houve, é certo, reveses e momentos ruins, em que Lee chegou a duvidar de si próprio e de Rin Tin Tin. O inverno de 1952 foi um deles. Lee estava na lona. Fora enxotado de Hollywood e morava num vale árido e calorento a leste de Los Angeles, vivendo do salário que a esposa ganhava numa encaixotadora de laranjas, ao passo que Rin Tin Tin sobrevivia da ração fornecida pela Ken-L-Ration por conta de um antigo acordo de patrocínio. Os dias eram longos. À tarde, Lee costumava se refugiar num pequeno anexo de seu celeiro, o Quarto das Recordações, para escarafunchar artigos de jornal e fotografias amareladas dos dias de glória, uma forma de cobrir-se com a colcha macia das lembranças — do que realmente fora, do que ele recordava e do que gostaria que tivesse sido — por sobre as arestas vivas da vida.

Vinte anos antes, a morte do primeiro Rin Tin Tin fora tão momentosa que estações de rádio de várias partes do país interromperam a

programação para dar a notícia e levar ao ar um especial de uma hora em tributo ao ilustre falecido. Rumores davam conta de que os últimos momentos de Rin Tin Tin haviam sido tão extraordinários quanto a sua vida — ele teria morrido como um astro, nos pálidos e glamorosos braços da atriz Jean Harlow, que morava perto de Lee, em Beverly Hills. Agora, porém, a situação era outra. Até a Ken-L-Ration duvidava. “As atividades cinematográficas de Rin Tin Tin não evoluíram como o senhor esperava”, censuraram os executivos da empresa numa carta a Lee, em que advertiam estar planejando cortar o fornecimento gratuito de ração. Lee ficou aturdido. A ração era importante, mas o que mais doía era a rejeição: ele acreditava que Rin Tin Tin III, tanto quanto seus antepassados, estava destinado a ser um astro. Em resposta, fez um apelo à companhia dizendo que o cão tinha “a vida inteira pela frente” e que novas oportunidades estavam a caminho. O pai e o avô eram mundialmente conhecidos por participações em filmes mudos, filmes falados, programas de rádio, *vaudevilles*, livros e histórias em quadrinhos; esse novo Rin Tin Tin, insistiu Lee, estava pronto para conquistar a televisão, “a mídia que vem por aí”, como ele dizia.

Na verdade, Lee não tinha contrato nem contato com a TV, e pior, acreditava que ela fosse mais uma mania efêmera. Ameaçado, porém, pela perda iminente da Ken-L-Ration, saiu em busca de um produtor interessado em montar um programa televisivo estrelado por Rin Tin Tin. Mas não podia ser qualquer um; Lee queria alguém que entendesse o cão e sua profunda ligação com ele.

O inverno passou em branco; a primavera e o verão também. Até que, numa tarde de setembro de 1953, um dublê conhecido de Lee dos tempos de Hollywood foi visitá-lo acompanhado por um jovem gerente de produção chamado Herbert “Bert” Leonard. O dublê sabia que Lee estava à procura de um produtor e Bert, de um projeto. Era um casamento improvável: Lee era um cara do Oeste, um caubói excêntrico que só se sentia à vontade entre seus cães e cavalos; Bert, um nova-iorquino jovem e tonitruante que praticava tênis fumando charuto, adorava apostar em cavalos e ser o centro das atenções, mas não tinha qualquer interesse por cães. Contra toda lógica, a conexão foi instantânea. Bert decidiu montar um programa de TV tendo Rin Tin Tin como astro.

Na época, Bert estava à frente da produção de um thriller barato chamado *Slaves of Babylon*. Foi no intervalo para almoço do dia seguinte que ele redigiu o esboço de um programa chamado *As Aventuras de Rin Tin Tin*, estrelado pelo cão e por um pequeno órfão, ambos adotados por um soldado da cavalaria dos Estados Unidos durante a guerra com os apaches, no Arizona de fins do século 19. Bert recordou mais tarde: “Lee ficou louco pelo projeto.” A história era fictícia, mas tocava a essência da natureza do cão e de seu relacionamento com o menino — uma afeição pura, polpa de bravura e independência ao redor de um cerne de vulnerabilidade. O programa estreou três anos depois, registrando a mais meteórica subida dos índices de audiência da história da TV. Quase quatro décadas depois de Lee ter conhecido Rin Tin Tin, o cão mais famoso do mundo renascia uma vez mais. Lee nunca deixou de acreditar que seu cão era imortal. Agora, Bert também se convencera. Ele costumava dizer: “Parece que Rin Tin Tin viverá para sempre.”

Certo dia, já no início do século 21, Daphne Hereford atrelou seu Cadillac conversível El Dorado Biarritz à traseira de um caminhão U-Haul e saiu bamboleando da garagem de sua casa, no Texas, para uma turnê de 11 meses pelos Estados Unidos com três de seus pastores-alemães: Gayle, Joanne e Rin Tin Tin VIII, cujo nome de registro era Rin Tin Tins Oooh-Ahhh, mas que ela costumava chamar de Old Man. Gayle estava prenha e precisava de atenção, Joanne era uma boa companhia e Old Man, a joia da Coroa. Daphne nunca fora a lugar algum sem ele. Em casa, os outros cães passavam a maior parte do tempo no canil do quintal; só Old Man tinha o privilégio de entrar na casa. Ela planejava empalhá-lo quando ele morresse para tê-lo sempre por perto.

O propósito da viagem pelo país não era divertir-se, mas apresentar Old Man em exposições de pastores-alemães e eventos de colecionismo hollywoodiano. Daphne não era de luxos. Ela lidava bem com os riscos da vida na estrada, como uma ocasião em que um amigo com quem estava hospedada tentou matá-la: ela sacudiu a poeira da tentativa de assassinato como fazia com todas as demais atribulações da jornada. “Eu nunca desisto”, disse-me ela quando a visitei no Texas não faz muito tempo.

“Em hipótese alguma.” A persistência é um traço da família. Sua avó, que se apaixonou por Rin Tin Tin ao ver seus primeiros filmes, estava tão decidida a ter um herdeiro dele que em 1956 descobriu o endereço de Lee Duncan e enviou-lhe uma carta pedindo um filhote. “Toda a vida eu quis ter um Rin Tin Tin”, ela escreveu, acrescentando, antes de perguntar o preço: “Eu não sou uma dessas texanas ricas que tem por aí. Sou uma mulher simples, criada num sítio.” Disse que queria começar “um legado vivo de Rin Tin Tins em Houston”, e prometeu que se Lee lhe enviasse um filhote, ela devolveria imediatamente a caixa de transporte por correio. Impressionado com tanta determinação, Lee concordou em ceder-lhe um filhote de Rin Tin Tin IV, “de excelente qualidade”.

Quando a avó morreu, em 1988, Daphne assumiu a tutela do legado. Ressuscitou o Fã-Clube Rin Tin Tin e registrou todas as patentes que pôde, relativas a Rin Tin Tin. Todo o seu dinheiro ia para os cães, o fã-club e outros projetos relacionados. Morava numa pequena casa de cômodos em Latexo, Texas, e se virava como podia com as despesas. Para Daphne, tratava-se de preservar a estirpe dos Rin Tin Tins, que se podia traçar passado adentro — cão após cão, geração após geração, com um ou outro percalço, mas jamais interrompida — de Old Man até o primeiro Rin Tin Tin e, o mais importante, a ideia original: aquilo que você ama de verdade nunca morre.

A lembrança mais clara que tenho de Rin Tin Tin não é a de um animal de verdade, mas um cachorro de plástico de cerca de 20cm de altura — estoico, de olhos brilhantes e língua caída sobre os dentes inferiores. Meu avô mantinha o bibelô sobre sua escrivaninha, irritantemente fora de alcance. Um contador um tanto rígido e formal, ele não era afetuoso nem espontâneo com crianças. Estranhamente, porém, adorava brinquedos. Na verdade, os colecionava. Alguns ficavam sempre à mostra no cômodo da casa que usava como escritório, com destaque para a miniatura de Rin Tin Tin, aquele cão especial, astro do programa de TV que eu mais amava.

Naquela época, a década de 1950, Rin Tin Tin era universal: estava em toda a parte, como que impregnado no próprio ar. Eu tinha só 4 anos por ocasião da sua primeira temporada na TV, de modo que a minha

lembrança se resume a alguns rabiscos esmaecidos. Como, porém, meu irmão e minha irmã assistiam ao programa religiosamente, o mais provável é que eu me aboletasse ao lado deles para assistir também. Quando se é tão pequena, coisas assim são simplesmente absorvidas: elas se tornam parte de você. A sensação que trago em mim é a de ter conhecido Rin Tin Tin a vida inteira, como que por osmose. Ele é parte do meu ser, como uma cantiga de ninar que sou capaz de repetir sem saber de onde tirei. Sobre o ruído de fundo da minha primeira infância, eu percebo nitidamente um toque de corneta, um menino chamando “*Yo Rinty*” e um cachorrão saltando de um lado para o outro da tela, sempre a postos para salvar a pátria.

Foi por isso que eu sempre quis ter, dentre todos os cães, um pastor-alemão; e continuei querendo até bem depois de passado o momento em que ficou perfeitamente claro que eu não iria ganhá-lo — para meu infortúnio, minha mãe tinha medo de cachorro. Como muitas paixões infantis, essa acabou cedendo, mas nunca morreu. Há alguns anos, lendo um artigo sobre animais em Hollywood, topei com Rin Tin Tin — um nome que havia décadas não me chegava à mente ou aos ouvidos. O reconhecimento foi um choque, que fez eu me empertigar na cadeira como se tivesse encostado numa pedra de gelo.

Instantaneamente lembrei-me da miniatura e do ardente desejo — nunca satisfeito — de tê-la para mim. Meu avô às vezes nos deixava pegar um ou dois de seus brinquedos, mas nunca Rin Tin Tin. Era um tesouro em que não podíamos tocar e eu não entendia por quê; não tinha nenhum mecanismo delicado e não era mais frágil do que os demais. Não havia explicação; ele simplesmente não era para nós.

Nossas visitas ao escritório tinham algo de mágico — o vulto do meu avô assomando sobre a mesa, a mão pairando sobre o risque-e-risque para escolher, sob os nossos olhos atentos, o brinquedo que nos deixaria pegar; atçando as nossas esperanças ao passar perto de Rin Tin Tin e frustrando-as ao pousar noutro brinquedo qualquer, que nos entregava e nos punha porta afora. O tempo passou, as pessoas mudaram, mas o cachorro de plástico permaneceu ali, imóvel e tentador. Ao me deparar com Rin Tin Tin depois de décadas de esquecimento, a primeira lembrança, dóida e profunda, foi aquela misteriosa e imortal miniatura.

